

história do século XXI

Tiago Leite Costa¹

1.

Há dois motivos para se escrever um livro: vaidade ou vingança. Na maioria das vezes, um livro é uma golfada de narcisismo. E dizemos: “Lindo!” ou “Obra-prima!” ou, talvez, “Que merda!”. Porém, existe um outro tipo de livro que é fruto da retaliação. Não se trata exatamente de uma vingança direcionada, mas de uma réplica à própria vida. Encontramos nesses livros os detalhes da desordem subjetiva, a ambição suicida e o incansável mal entendido das relações humanas. São relatos do ressentimento tomando consciência de si, tateando o seu gosto sádico de dizer o proibido, esfregando sua liberdade mutilada na nossa cara de leitor manso. Então objetamos: “Meio pesado, né?”.

Este seria o início do texto, quando comecei a escrevê-lo, há mais ou menos vinte anos. Só que eu não lembro mais o que esta salada altissonante significa. É difícil explicar por que nos deixávamos seduzir pelo tipo de ingenuidade que nos seduzia no passado e não pelas que nos seduzem agora, no presente. Houve uma época em que eu acreditava devotadamente nos narradores. Lia as frases mais desesperadas, intransigentes, dogmáticas e pensava em segredo: “pior é que é isso mesmo...”. Em seguida, eu me sentava febril diante da máquina de escrever e amontoava uma sequência de poemas caóticos e involuntariamente moralistas.

Passei a suspeitar dos narradores na mesma época em que comecei a suspeitar de meus amigos e amigas. Isto se prolongou muito mais tempo do que o recomendável. Foi uma lenta, sólida e tardia decepção, resultante de um cansaço generalizado e recíproco. Não há nenhuma originalidade nisso, eu sei. Só é estranho que tenha demorado tanto.

2.

Todos nós temos uma meia dúzia de capítulos que moldam o tipo de desencanto com o qual teremos que conviver pelo resto da vida. São esses episódios que traçam a linha de obsessões que iremos repisar indefinidamente, chegando sempre à íntima conclusão de que algo nos escapou neste ou naquele momento e que é por isso que fracassamos. Mas não é do passado que quero falar. O que quero dizer é que, quando eu me certifiquei de que não iria mais levantar do meu tombo, mudei completamente a minha relação com a escrita. Para começar, joguei fora todos os meus poemas e, principalmente, a risível prosa “filosófica” que vinha

¹ Tiago Leite Costa é Doutor em Letras - Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio, com estágio doutoral na Universidad Nacional de Rosario (ARG). Professor de Pós-graduação Lato Sensu na PUC-Rio, nos cursos de especialização em: Literatura, arte e pensamento contemporâneo; Formação do escritor; Escritas performáticas; também é autor de "O perfeito cozinheiro das teorias deste mundo: a antropofagia ensaística de Oswald de Andrade" (GARAMOND, 2014), além de diversos artigos sobre literatura e teoria cultural publicados em periódicos acadêmicos.

praticando, a qual me referia como “meu projeto literário”. Depois, abandonei os chavões do tipo: *literatura tem que incomodar; há verdades que só podem ser ditas através da ficção*, ou ainda, *um/a escritor/a não pode negociar a sua sinceridade*.

O que fiz, portanto, foi me dedicar ao caminho oposto e contar histórias abertamente espúrias e oportunistas.

3.

Quando eu era jovem, fui a uma palestra do professor Hans Ulrich Gumbrecht, na qual me lembro dele ter comentado que Sartre (acho que era Sartre) escreveu que é impossível ser 100% sincero ou 100% trapaceiro consigo mesmo. Nós estamos perto demais para nos iludirmos sobre quem realmente somos e ao mesmo tempo não temos distância suficiente para juntar as peças e entender o que de fato está se passando ali dentro.

Dentro e fora. Creio que a bagunça começa por aí. Como poderíamos riscar o contorno disso que chamamos de “eu” com o pacote disponível para a tarefa? Todas essas palavras, essas gesticulações, esses hábitos, essas alegorias que nos empurram junto com a dissimulação coletiva de alguma ordem no caldo de gente e de coisas. É tudo muito suspeito.

Não admira que nosso “eu” ande por aí tropeçando na própria desconfiança. É claro que ele só poderia viver agitado pelo temor de perder o fio da meada que trama consigo mesmo. É claro que ele vive exausto com a rotina paranoica de separar o passado do futuro. Até porque é claro que, a essa altura, ele já está careca de saber que, no fundo, ele não passa de uma ficção.

Mas quem poderia levar uma evidencia dessas às últimas consequências? Quem pode encarnar esta ideia sem atolar num lodo de contradições ou, o que é pior, sem afundar na pura esquizofrenia.

O problema com esse o tipo de lampejo é que ele desencadeia uma série de equívocos. Por exemplo, que o arranjo “eu” seja uma invenção, isso não implica sua inexistência. Assim como a revelação da ficção “eu” não elimina a necessidade da ficção “eu”. Pelo contrário. A ficção está mais para causa do que para consequência residual do que a gente entende como a nossa vida.

Mas veja, não estou aqui sugerindo que eu ou você devamos abraçar nossas ficções pessoais e novamente acreditar em narradores e amigos. Essa não é mais uma opção viável. Ninguém volta completamente à cena depois de circular pelos bastidores do “eu”.

4.

Eu é um outro. Quem, depois de todas as descobertas do século XX, duvidaria do surrado clichê rimbaudiano?

Mas o que é um outro? Ninguém sabe explicar exatamente. No entanto, todos falam em nome de um outro. Dizem, em tom de solenidade mística: *O outro é a diferença, a alteridade, a liberdade*. Pra que tanta pompa ao falar do desconhecido?

Dizem, os maliciosos, que sacerdotes, filósofos, psicanalistas e artistas carregam nas tintas do enigma para forjar uma impressão sublime e capitalizar em cima disso. E o que fazem os maliciosos senão nos aterrorizar com um espelho

abjeto para que façamos eco ao seu mal-estar e, em seguida, à sua própria versão do enigma?

Nem padres sinceros, nem sátiros astutos. Deve haver alguma explicação material para o romance do “eu”. Deve haver alguma coisa de mais elementar, algum automatismo nisso tudo. Porque, veja, o ser humano é muito acostumado a burilar fantasmas desde o período das cavernas. Talvez os brinquedos poéticos de um outro insondável simplesmente soem irresistíveis aos ouvidos da maioria de nós. Talvez seja uma forma de respeito com a imensidão cósmica, uma espécie de humildade por estarmos vivos sem saber exatamente como. Ou talvez tudo não passe de uma banalidade cômica, diante da qual seja por demais doloroso simplesmente admitirmos que *eu é um erro*.

5.

Mesmo esta frase que estou escrevendo agora e que você está lendo neste momento. Como pode ocorrer que eu esteja escrevendo e, ao mesmo tempo, lendo e me dando conta dos sentidos das palavras? Como pode que você esteja me acompanhando até esse exato ponto em que eu escrevo a palavra *acompanhar*? Onde e como essa massa se junta? Sim, porque quando começamos a escrever e ler uma frase não temos certeza de como vamos chegar ao final do percurso. Alguns, na esperança de um vago controle sobre o processo, se põem a planejar, reler e rescrever indefinidamente. Mas aí começam a surgir outros problemas, como definir quem planejou, quem escreveu, quem leu, quem está relendo, quem está rescrevendo, quem é o narrador, quem é o leitor etc.

Há alguma coisa que perpassa a mim e a você e que permite, simultaneamente, que exista tal coisa como eu e você. O que é isso? Onde está isso?

É melhor desistir. O acesso à maquinaria é insignificante. O volante involuntário que dirige o processo é soberano. A única arma que dispomos é nomear esse motorista fantasmagórico. Chamamos de linguagem. Com isso ganhamos tempo e ao menos uma sensação mínima de distanciamento da sua indiferente contingência.

6.

As religiões, filosofias, ciências e moralidades de todos os tipos têm que se agarrar com força homicida à ideia de que a linguagem é uma mediação. A ideia de que existe uma alma, uma subjetividade, um corpo, um indivíduo silencioso e primeiro. Do contrário, o jogo acaba, perde sua lógica, sua regra básica. Então, não faria mais sentido falar de natureza, espírito, coisa, mundo, eu, você, deus, nada.

Mas, pense comigo. Se por um instante conseguíssemos enxergar a linguagem de fora, não veríamos circuitos de sujeitos atomizados se comunicando. O que veríamos seriam nuvens de rumores empurrando corpos pra lá e pra cá.

Continue comigo. Agora vamos nos aproximar um pouco mais. Atenção. Devagar. Vejamos o que se passa por trás desses olhos no momento em que murmuram palavras uns para os outros. Você está comigo? Você também consegue ver? Repare como estão ligeiramente exasperados, como não conseguem se fixar em nada por mais de alguns segundos. Eles estão calculando seus gestos no cinema

que fazem de si. Pelos murmúrios, procuram se harmonizar com qualquer linha de som que lhes prometa uma vaga fantasia de continuidade. Setembro, almoço, fim de semana, choveu, China, perspectivismo, materialismo, capitalismo... e, depois novamente: metrô, emprego, samba, bolete.

Terrível não é? Só um verdadeiro pesadelo pode nos oferecer esse relance de fora. E quem quer viver voluntariamente num pesadelo? É melhor ser embalado pela antologia milenar de fábulas com a qual a humanidade tem nos enfeitado desde sempre. É mais seguro e talvez seja mais decente do que andar feito um espírito de porco combatendo a ficção dos outros, chutando o castelo de areia das crianças na praia.

No mais, depois de desmoralizar todas as nossas historinhas, o que você pretende fazer? Você vai colocar outra historinha no lugar e dizer que essa sim é a verdadeira? Ou você pretende meditar em silêncio até o fim dos seus dias?

É claro que ninguém está louco de chutar castelo nenhum. Pelo contrário, cada um protege sua cidadela encantada com a própria vida. Porque, no fundo, sabemos que para além da nossa ficção, tudo o que existe é viver num pesadelo desordenado. E não se enganem, até a boa gente que está de bico fechado meditando, vejam bem, eles têm o mérito de ter formulado uma apresentação mais quieta, mas isso não significa que tenham entendido nada, muito menos que tenham fechado a cortina e encerrado o espetáculo. Mesmo porque, por mais discretos que sejamos, não existe a opção de nos livrarmos do nosso teatrinho secreto e de seus devaneios endiabrados, aos quais só nós temos acesso.

Como é nome disso? Desse nosso mundinho? Do nosso romance clandestino? O nome disso é mente? Consciência? Neurose? Livre arbítrio?

Seja lá qual foi o apelido que você escolheu, sejamos francos ao menos em um ponto: este nosso mundinho é incontrolável e incontornável. Dentre os inúmeros atributos do seu romance privado, você deve admitir o protagonismo das suas fabulações irrefreáveis. É em torno delas que gira a sua história. Você está a serviço delas e não o contrário. O que significa que não existe a opção de renunciar ao seu romance clandestino, pois você não é o autor. Você é o personagem compulsório, ou talvez o leitor coagido. Você é um refém desavisado.

7.

Pensar não é a mesma coisa que conhecer. Conhecer pressupõe uma série de cálculos, metas, prerrogativas que restringem a anarquia das quimeras subjetivas. Conhecer pressupõe acordos, intercâmbio com a comunidade. A religião, a filosofia e a ciência são formas de conhecimento da vida, são tentativas de consensos com base em convenções tácitas. A literatura não. A literatura primeiro pensa e só depois, distraidamente, chega a conhecer o que está pensando. Isto quando chegamos a algum clarão no meio da leitura e da escrita, porque na maior parte das vezes não se chega a lugar nenhum. Na maior parte das vezes o que a literatura tem a fornecer é uma vaga furibunda, é o prazer duvidoso do desentendimento.

Esqueçam isso. Essa é a voz de um devoto juvenil que pensava que existia algo como “a literatura”. Um beato persuadido pelas estéreis abstrações da estética. Por que nos deixávamos assombrar pelas mistificações que nos assombravam no passado e não pelas que nos assombram agora, no presente?

No final das contas, o hábito de desvendar o inexplicável não passa de um círculo vicioso que nos leva sempre aos mesmos pontos de partidas. Durante décadas pulei de galho em galho atrás de diferentes charlatões que me ofereceram a arte e a filosofia como o caminho para uma hermenêutica da salvação individual e coletiva, amparada pelas mais absurdas deduções.

Como já mencionei, foi preciso um longo e exaustivo acúmulo de decepções até que me visse livre dessa roda de aluamento e idolatria. Que fascínio atroz a demência, sob o pretexto da literatura e da arte, pode suscitar nas pessoas mais jovens e desamparadas... Mas, ainda que tardiamente, me liberei do cativeiro. Infelizmente, não posso dizer o mesmo daqueles que um dia chamei de amigos/as.

Parte deles/as normalizou a insânia pelos meios institucionais disponíveis. Dedicaram a vida inteira a esquadrihar a obra de um filósofo. A cada década estas pessoas acreditavam dar um passo adiante no andaime quase intransponível de um presumido sistema de pensamento. Mas, ao final do trajeto, inevitavelmente, todos/as se depararam com a mesma conclusão do naufrago de Thomas Bernhard: gastaram seu tempo mergulhados/as nos pensamentos megalomaniacos de um lunático. Levaram a sério demais um jogo de palavras desprovido de qualquer propósito ou significação.

No entanto, este não é sequer o pior destino reservado a amigos/as que ficaram por lá, nas fronteiras da irracionalidade. Uma outra parte significativa resolveu apostar que, por algum encanto, a literatura fosse resolver os seus problemas. De que modo? Elaborando uma patética equivalência entre arte e liberdade, e no final das contas, impondo à criação a finalidade de alguma redenção heterodoxa.

Liberdade. Sempre essa ladainha de liberdade. E só em função de um equívoco grosseiro é que as pessoas continuam a papagaiar, com lágrimas nos olhos, que querem ser livres.

Mas calma lá, por favor, não me confundam. Não quero aqui dar voz ao obscurantismo de doentes que andam por aí tentando ressuscitar a idade média. Também não tenho nenhuma intenção de reproduzir a estupidez polemista de que as pessoas gostam de ser dominadas ou, então, de que elas já são livres (e esse é que seria o problema). Não acho que ninguém goste de ser explorado, muito menos que as pessoas são livres. Mas o ponto não é este. Na verdade não tenho nenhum ponto, nem quero convencer ninguém de nada. Nada além do que talvez já esteja óbvio a essa altura. O que quero dizer é que a liberdade, por definição, é algo ininteligível, simplesmente porque, se levada a cabo, resultaria numa eterna e torturante indeterminação.

Bem, você provavelmente já deve ter ouvido de seus amigos/as que, justamente, este é o preço da liberdade - a incerteza. Você também já deve ter visto eles e elas se contorcendo para convencê-lo de que, por algum motivo obscuro, vale a pena pagar este preço. Agora, pense comigo, mesmo que fosse possível optar por uma indeterminação radical - o que por si só é um contrassenso -, antes seria preciso determinar quem está optando. Ou seja, qual é o ponto de partida? Responda a essa pergunta e imediatamente já estamos de volta ao seu romance privado, a sua ficção desbaratada. Mas nós já não passamos por isso? Sim, já passamos, e não há verdadeiramente uma opção nesse terreno. Mas fique tranquilo, você não precisa fazer nada além de seguir em frente. E se quiser realmente fazer alguma coisa, se

quiser, por exemplo, ser livre, na melhor das hipóteses, tudo o que você conseguirá é abrir as portas para a insanidade.

8.

Entretanto, nada disso é de fato relevante para quem se dedica a produzir histórias demagógicas e vulgares. E, como já havia comentado, é este o saudável caminho pelo qual optei já faz alguns anos. Peço desculpas pelas prolixas e constrangedoras justificativas do meu texto pregresso e, finalmente, concluo apresentando uma das minhas novas criações. Trata-se de um miniconto que ainda não tem título, mas que provisoriamente resolvi chamar de *História do Século XXI*.

9.

No século XXI, mudou a regra que conciliava o espetáculo público com o espetáculo privado. A regra que manteve a estabilidade do mundo antigo; que fundou todas as religiões e todas as artes; que dividia o tabuleiro da vida em duas partes: a parte da realidade e a parte da representação; esta antiga regra, que vinha sendo escarnecida por filósofos e escritores do século XX, finalmente, caiu de vez. O segredo milenar, guardado a sete chaves pelos donos do mundo, foi revelado. De súbito, num lapso inexplicável, o código de acesso ao cofre da imaginação foi divulgado.

Por que os donos do mundo revelariam o enigma? Isso ainda não está claro. E, no entanto, aí está o segredo entregue de bandeja para quem quiser ouvir. Hoje, todos os ninguéns, qualquer nenhum sabe que a vida é ficção. Todos os nenhuns do mundo sabem que a vida é ficção e, por consequência, qualquer ninguém sabe que a arma mais eficaz contra uma ficção é outra ficção. Todos os ninguéns, qualquer nenhum, todos nós descobrimos o mistério ancestral.

A propósito: que hoje, nós, os súditos mais obscuros de um recanto provinciano no fim do mundo saibamos o segredo da vida, isso também é muito suspeito. Se a regra secreta nos foi entregue assim, de mão beijada, a nós, os nadas, pelos donos do mundo (uma vez que o segredo sequer foi vendido, que sequer exigiram nosso sangue), é razoável supor que o mundo, que a vida, não seja mais uma ficção. É possível que os donos do mundo, agora, queiram que nós achemos que a vida seja uma ficção justamente porque a vida deixou de ser ficcional. Se tudo é ficção, logicamente, podemos afirmar o contrário: a ficção não existe mais. Essa não é uma hipótese de forma alguma descartável.

Mas, admitindo que tenha havido um erro de cálculo e que o segredo de fato tenha sido revelado por algum equívoco. Bem, então, hoje, todos estão de posse da verdade. Todos sabem que a vida sempre foi uma fábula, o que talvez pudesse nos colocar em uma posição privilegiada de direção do nosso filme coletivo ou ao menos do nosso drama privado.

Mas o que ocorreu foi que, no século XXI, depois do segredo revelado, um gênero recente e híbrido de ficção, chamado publicidade, impôs seu monopólio sobre o uso da linguagem, colonizou gradualmente todos os discursos culturais e reestruturou os nossos mundinhos individuais através da teologia da autopromoção. O apresentador de televisão virou a norma privada através da pedagogia do auditório.

Em seguida vieram as televisões manuais. Elas alavancaram a catequese da redenção pela imagem. Cada um tem sua emissora de telecomunicação afiliada

dentro de um retângulo de metal, pouco maior do que a palma da mão, pelo qual publicam suas próprias novelas e suas próprias notícias. Finalmente todos nós, sem exceção, temos direito aos pequenos deleites das subcelebridades.

Deixamos de ser leitores isolados do nosso romance clandestino e acumulamos agora os encargos da produção e direção do nosso programa de tv, acompanhado por um número inimaginável de amigos telespectadores. Qual o poder que um anacrônico truque de linguagem como a literatura poderia ter sobre este espetáculo de luzes?

Certa feita, um dos arquitetos do novo mundo observou como a tv manual aproximou o ser humano do hamster. Ele dizia que o advento da tv manual havia induzido um comportamento hamster em toda a humanidade. E mais, afirmava com todas as letras que, longe de um efeito colateral, a conduta hamster havia sido meticulosamente calculada. Tudo nos leva a crer, portanto, que estejamos vivendo na era do romance de hamster. A ficção literária virou a autobiografia de um roedor. Os leitores hamster acreditam em narradores ratazanas e nos amigos camundongos que vivem em seus retângulos manuais. Eles fecham o retângulo e pensam com suas cabecinhas de hamster: “pior é que é verdade”.